

RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA EM *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS* DE JOSÉ SARAMAGO

Felipe dos Santos Matias (Bolsista do PIBIC/CNPq)¹; Gerson Luiz Roani (Orientador)²

¹Universidade Federal de Viçosa/Departamento de Letras, lippem@yahoo.com

²Universidade Federal de Viçosa/Departamento de Letras, roani@ufv.br

Resumo- A presente pesquisa investiga os elos de aproximação e afastamento entre a Literatura e a História na obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, mediante a leitura e compreensão de estudos críticos acerca da interlocução entre a narrativa literária e a narrativa histórica, e a análise teórica-crítica do romance escolhido como *corpus*, principalmente no que concerne à inserção do jornal português *O Século* na malha narrativa. Essa pesquisa tem como objetivo principal contribuir para estudos teóricos-críticos sobre o romance português contemporâneo. Através da inserção do jornal *O Século* na narrativa, Saramago faz com que a manipulação literária resgate e problematize a matéria histórica, por meio do universo ficcional, redimensionando, assim, os diferentes dados e elementos históricos na sua criação ficcional.

Palavras-chave: Literatura; História; *O ano da morte de Ricardo Reis*

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

Introdução

A matéria basilar das criações do escritor José Saramago consiste na história de Portugal, das suas raízes medievais à atualidade, marcada pelo novo panorama sócio-cultural português, surgido após a Revolução dos Cravos de 1974 e, recentemente, pela adesão de Portugal à União Européia. Com engenhosidade e criatividade incomuns, a História se torna um elemento estruturante das narrativas do criador de *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e a manipulação literária redimensiona os diferentes dados e elementos históricos em um conjunto ficcional, diferente do universo de onde foram tirados.

Nossa pesquisa investiga os elos de aproximação e afastamento entre a Literatura e a História na prosa de Saramago, mediante a análise teórico-crítica do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984). Em nossa pesquisa, investimos no estudo de um valioso recurso da estruturação narrativa de *O ano da morte de Ricardo Reis*, no que tange ao aproveitamento da História como matéria essencial para a confecção do discurso literário. Isto é, observa-se que a presença do texto jornalístico é fundamental para a criação da narrativa saramaguiana acima mencionada. Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, as notícias da imprensa criam uma conformação “aceitável”, no que concerne à representação da época reinventada pelo romance. Com base nisso, o exame dessa obra revela como elemento perceptível na estruturação textual uma atenta e minuciosa utilização de textos jornalísticos de 1936, extraídas do jornal lisboeta *O Século*, o de maior circulação, em Portugal, naquele tempo. A narrativa saramaguiana recupera, de forma dinâmica, textos de jornais de 1936, época

histórica focalizada pela ficção literária. As notícias de jornal possibilitaram ao romancista refigurar a história luso-européia da década de trinta, revelando a ascensão dos regimes ditatoriais de índole fascista, a Guerra Civil Espanhola e a manipulação da imprensa pelos regimes totalitários. Não se restringindo às informações veiculadas pelas diferentes notícias, o ficcionista joga também com o aspecto gráfico dos jornais, servindo-se de títulos, de fotografias e de suas legendas para ironizar, criticar e questionar os caminhos trilhados pela história do início do século XX.

Levando em consideração o panorama dos estudos atuais sobre a obra de José Saramago, justifica-se a nossa pesquisa acerca do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, pois, nessa ficção, a dimensão histórico-temporal enquadra e transforma, através da inserção do factual na malha narrativa, a ação romanesca. A nossa pesquisa discute *O ano da morte de Ricardo Reis* como romance que proporciona uma reflexão muito fecunda, no que tange ao diálogo entre a Literatura e a História. Além disso, cumpre ressaltar que não existem investigações que comparam o romance de José Saramago com as notícias jornalísticas acerca da história portuguesa e européia da década de trinta.

O objetivo central que norteia a presente pesquisa é contribuir para os estudos teóricos sobre o romance português contemporâneo, através de um estudo sobre a relação entre a Literatura e a História na obra de José Saramago.

Materiais e Métodos

Na primeira etapa da pesquisa, procuramos estudar e compreender textos teóricos que

focalizam as relações entre Literatura e História. Tal procedimento foi necessário, pois visou a obtenção dos subsídios teóricos para uma correta fundamentação e desenvolvimento da pesquisa, no que concerne à natureza do diálogo entre as duas disciplinas. Cumpre mencionar que, nessa primeira etapa, procuramos estudar, também, a questão da intertextualidade, imprescindível para o exame das relações que os textos tramam entre si. Como autores que proporcionaram subsídios para a investigação destacamos as contribuições de Georges Duby (1989), Hayden White (1994), Peter Burke (1992), Paul Ricoeur (1997), Walter Benjamin (1994; 1989), Linda Hutcheon (1991), Mikhail Bakhtin (1993) e Julia Kristeva (1978).

O segundo momento da coleta de dados consistiu na leitura crítica do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago. Aqui, a análise do romance confirmou a idéia de que nesse autor e em sua produção ficcional prevalece o projeto de fazer história através da ficção literária. Como autores que proporcionaram subsídios para uma leitura teórico-crítica do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* destacamos as contribuições de: Saramago (1984); Machado (1977); Eminescu (1980); Real (2001); Marinho (1999), Arnaut (2003), Seixo (1999); Berne (1998); Kaufman (1991); Lepecki (1988); Lopes (1986); Reis (1998 e 2006); Roani (1998, 2002, 2006), Sapeca (1995), Schwartz (2004).

Na terceira etapa, realizamos a leitura crítica de fragmentos do Jornal *O Século*, almejando o levantamento detalhado das principais referências feitas pelo romance às notícias jornalísticas que abordam a história europeia de 1936. Nesse processo, delimitamos, no amplo conjunto das notícias sobre a situação da Europa, em 1936, um número menor de fragmentos noticiosos. Isto é, os que focalizam a Guerra Civil espanhola e sua ressonância na imprensa e na sociedade portuguesa, no período de 18 de julho a 08 de setembro de 1936.

Após a leitura crítica do jornal lisboeta *O Século*, foi organizado e analisado o material oriundo das leituras dos textos teóricos, do texto romanesco e das notícias de jornal. A partir disso, realizamos a análise do romance, situando a maneira como a obra realiza a representação de acontecimentos e fatos históricos. Em seguida, fizemos dialogar o texto histórico e o discurso romanesco. Com isso, foi empreendida uma comparação entre o romance e as notícias do jornal *O Século*, referentes ao ano de 1936. Essa comparação foi fundamental, pois as informações históricas presentes no romance expressaram uma inegável correspondência com as notícias encontradas no jornal *O Século*.

Na fase final da pesquisa, estudamos a maneira como as reflexões e os dados obtidos, na

análise comparativa do romance e dos textos jornalísticos, permitem uma aprofundada discussão teórico-crítica sobre a representação e a escrita dos acontecimentos do passado humano pelos discursos da literatura e da história.

Resultados

De acordo com Georges Duby, “a história foi sempre fabricada para reforçar um poder, para uma reivindicação” (DUBY, 1989, p. 73). A partir dessa afirmação, podemos dizer que nenhum discurso histórico é neutro, pois há sempre uma manipulação da memória em função de interesses subjacentes à elaboração da escritura/narração. E este é um dos argumentos que foram utilizados contra o historicismo positivista, em função de não ser possível aceitar a memória como prova cabal do que aconteceu no passado. Para Le Goff “a cultura quer um passado que possa usar” (LE GOFF, 2003, p. 186).

O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada, depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, criadora de ficção, assim como José Saramago realiza no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. Nesse romance, Saramago utiliza a História como matéria essencial para a confecção do discurso literário, visto que a narrativa saramaguiana recupera textos de jornais de 1936. A partir do jornal *O Século*, o romancista português realiza uma interlocução entre a Literatura e a História, pois ele refigura de maneira problematizadora e irônica a história luso-europeia da década de trinta.

Segundo Aristóteles, “não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com metro do que sem ele; a diferença está em que um narra os acontecimentos e o outro fatos que podiam acontecer” (ARISTÓTELES, 1995, p. 28). A partir dessa afirmação, observa-se que a diferença entre o poeta e o historiador não está no meio que empregam para escrever (verso ou prosa), mas no conteúdo daquilo que dizem: enquanto o poeta representa o verossímil e o necessário, o historiador narra os acontecimentos que realmente sucederam.

De acordo com Hayden White, “a distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ao imaginável” (WHITE, 1994, p. 115). No romance

de Saramago, o real (histórico) é equiparado ao imaginável, resultando numa ficcionalização da História pela arte literária. A partir da utilização do jornal *O Século* na estruturação do texto literário, Saramago reinventa a História. E não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado, pois a maneira de lhe dar um sentido é a mesma.

Através da inserção do jornal *O Século* na narrativa, José Saramago promove um diálogo entre a Literatura e a História, pois busca recompor dentro do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* o ano de 1936, um ano conturbado pela ascensão na Europa dos regimes totalitários, como o salazarismo, o nazismo, o fascismo, além da Guerra Civil Espanhola, que culminou na morte de milhares de espanhóis, e na ditadura do general Franco. Saramago utilizou-se de notícias jornalísticas veiculadas pela imprensa portuguesa com o intuito de evidenciar o discurso ditatorial salazarista, o qual manipulou milhares de pessoas em Portugal. O escritor português desconstrói em *O ano da morte de Ricardo Reis* o discurso pró-Salazar dos jornais portugueses, a partir de comentários e relativizações que o seu narrador faz acerca das notícias que o personagem Ricardo Reis lê do jornal *O Século*.

Por meio da exploração das notícias do jornal *O Século*, Saramago conseguiu nos dar um panorama sobre os regimes fascistas, mostrando-nos o que foi aquele mundo do silêncio e do receio, da esperança surda e do gesto cúmplice, da rebelião e da impotência. Mediante a presença das notícias jornalísticas, Saramago consegue reinventar em seu romance o ano de 1936, conforme ilustra o trecho a seguir:

“Ricardo Reis recebe no Alto de Santa Catarina as notícias do vasto mundo, acumula conhecimento e ciência, que Mussolini declarou, Não pode tardar o aniquilamento total das forças militares etíopes, que foram enviadas armas soviéticas para os refugiados portugueses em Espanha, além doutros fundos e material destinados a implantar a União das Repúblicas Ibéricas Soviéticas Independentes” (SARAMAGO, 1988, p. 264).

A partir da leitura do trecho acima, percebe-se que o personagem Ricardo Reis toma ciência dos acontecimentos do mundo por meio da leitura do jornal lisboeta *O Século*. Com isso, observa-se que Saramago realiza em sua ficção um resgate da matéria e do discurso histórico, redimensionando os fatos e acontecimentos por meio dos comentários e intervenções irônicas de seu narrador, o qual condena a passividade e a alienação de Ricardo Reis, além de relativizar aquilo que o discurso jornalístico veicula. A presença do jornal *O Século* é fundamental para a criação do universo ficcional saramaguiano, visto

que produz na narrativa uma recomposição histórica aceitável com relação à época focalizada no romance.

No romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, Saramago imagina os últimos meses da vida do heterônimo pessoano Ricardo Reis, recriando o clima de Portugal e da Europa de 1936, cuidadosamente entrelaçando as malhas de uma ficção de pés fincados na História. O livro se constrói à imagem da percepção do mundo do próprio Reis, o qual apenas assiste à consolidação dos regimes totalitários na Europa. Por meio da leitura dos jornais portugueses, principalmente do jornal *O Século*, o personagem Ricardo Reis se informa com relação aos fatos e acontecimentos que tumultuaram o ano de 1936:

“Minuciosamente, lia os jornais para encontrar guias, fios, traços de um desenho, feições de rosto português, não para delinear um retrato do país, mas para revestir o seu próprio rosto e retrato de uma nova substância, poder levar as mãos à cara e reconhecer-se, pôr uma mão sobre a outra e apertá-las, Sou eu e estou aqui” (SARAMAGO, 1988, p. 87-88).

O aproveitamento da notícia jornalística por Saramago dentro de sua narrativa identifica-se com uma apropriação discursiva parecida com a técnica da “citação” – que para Gérard Genette (1995) é a forma mais explícita e literal da intertextualidade –, visto que Saramago insere a notícia jornalística (documento histórico) de maneira hábil, integrando-a de forma coesa e coerente ao universo ficcional da obra.

Discussão

Por Saramago pertencer ao período atual de (auto)crítica do recente passado lusitano, ele realiza na ficção *O ano da morte de Ricardo Reis* uma leitura crítica do passado português e europeu, utilizando a ironia como um recurso de combate e de desconstrução. O romance *O ano da morte de Ricardo Reis* reproduz com discrição os arreganhos da maré autocrática que dominou a Europa na década de 30, mostrando que Portugal, Espanha, Itália e Alemanha se deixaram banhar no mesmo imundo lodo “patriótico”, em nome da ordem e da disciplina (regimes nazista e fascista). Por meio disso, nota-se que José Saramago é um escritor consciente da necessidade de se (re)construir a identidade e o passado português. Ele se inscreve, assim, na linhagem dos escritores portugueses contemporâneos que aprenderam a visitar de maneira crítica os domínios da História oficial, não somente para desvelar, ao nível dos conteúdos, a sua presunção de poder apreender e domesticar o real, de modo a fornecer a fórmula

da “verdade” que anula toda possibilidade de releitura: mas, sobretudo, chegou à dúvida fecunda que o lança num terreno onde a sedução da linguagem se faz mais poderosa – o da consciência de uma ruína que é preciso saber reverter em benefício da construção de sua própria ultra-passagem.

Concordando com Lopes (1986), Reis (1998), Seixo (1999) Schwartz (2004) e Roani (2006), pode-se afirmar que em *O ano da morte de Ricardo Reis*, Saramago faz da História matéria da literatura, estabelecendo um diálogo tenso com o passado, para buscar o sentido da contemporaneidade. Ciente de que a vida é vivida no jogo do imaginário que se torna senso comum e que a partir disso a história é contada, o discurso ficcional do consagrado escritor português revela a importância e os limites da memória (individual e coletiva), que precisa ser permanentemente reativada, em relação a um passado que é irre recuperável, ruína e vestígio do que foi ou poderia ter sido. Dessa forma Saramago nos mostra que o imaginário da ficção, em face do imaginário que se tornou determinação (História), pode, voltando-se para o passado, enquanto registro no presente, do que já não é, apontar para o projeto (a utopia) de um tempo que poderá vir a ser.

A partir do que foi observado nos resultados, é mister colocar que o romance de Saramago incorpora a concepção da modernidade sobre a ficção, que não se vê mais como expressão individual do sujeito ou do modelo mítico da nação, como fazia entender o Romantismo, nem o retrato do observado, como desejava o Realismo-Naturalismo, mas como espaço e processo de construção de mundo, na diversidade da representação, na mesma medida de uma compreensão da História como discurso.

Conclusão

Após a investigação empreendida acerca da obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, escrita pelo consagrado escritor português José Saramago, pode-se afirmar com convicção que ela é exemplar para o estudo das relações entre a Literatura e a História, pois Saramago, com toda a sua maestria, recria em seu romance um cenário histórico (o ano de 1936) para a ação e circulação de suas personagens, movimentando um primoroso conjunto de dados e elementos históricos, os quais foram extraídos dos jornais da época, principalmente do jornal lisboeta *O Século*.

Ao inserir o jornal *O Século* em sua narrativa ficcional, Saramago trabalha em seu romance as múltiplas possibilidades de verdade acerca da História, estabelecendo, assim, um diálogo problematizador e instigante com o leitor. Além

disso, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* instaura uma questão fundamental perseguida pela narrativa portuguesa contemporânea: a busca de uma nova identidade ou de respostas para o perfil identitário de uma nação presa a sonhos grandiosos, que a Literatura e a História instituíram, ajudaram a cristalizar e disseminaram pelos séculos seguintes. Diante desse cenário cultural, a ficção de Saramago empreende uma leitura crítica e relativizadora do passado português, refigurando no romance o ano conturbado de 1936.

Referências

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Roberto de Oliveira Brandão. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Veja, 1995.
- JORNAL O SÉCULO, Lisboa, Grupo Jornalístico **O Século**. Publicação de janeiro a setembro de 1936.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LOPES, Oscar. José Saramago: As fronteiras do maravilhoso real. In: **Os sinais e os sentidos Literatura portuguesa no século XX**. Lisboa: Caminho, 1986.
- REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.
- ROANI, Gerson Luiz. **Saramago e a Escrita do Tempo de Ricardo Reis**. São Paulo: Scortecci, 2006.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHWARTZ, Adriano. **O abismo invertido**. Pessoa, Borges e a inquietude do romance em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. São Paulo: Globo, 2004.
- SEIXO, Maria Alzira. **Lugares da ficção de José Saramago**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.